

A “PESTE ROSA” NAS PRODUÇÕES DOS GRUPOS GAYS E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS

Anderson Ferrari*

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar a produção discursiva de três grupos gays - GGB, MGM, CORSA - a respeito do enfrentamento do HIV/Aids no momento do seu surgimento, argumentando que o advento do vírus e suas consequências representaram uma ruptura na história das homossexualidades e na história do movimento LGBTTQIA+. A perspectiva teórico-metodológica assumida é a foucaultiana, o que significa dizer que as homossexualidades e os homossexuais são construções discursivas, de tal maneira que as prescrições para prevenção e cuidado diante da doença contribuíram para a construção de um homossexual valorizado como aquele que se cuida, se previne e segue as instruções dos grupos. Os grupos gays contribuíram com essa construção de um tipo de homossexual valorizado, exercendo um trabalho educativo nos sujeitos.

Palavras-chave: HIV/Aids; grupos gays; homossexualidades; discursos

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the discursive production of three gay groups - GGB, MGM, CORSA - regarding coping with HIV / AIDS at the time of its emergence, arguing that the advent of the virus and its consequences represented a rupture in the history of homosexualities and in the history of the LGBTTQIA + movement. The theoretical-methodological perspective assumed is Foucault's, which means that homosexualities and homosexuals are discursive constructions, in such a way that the prescriptions for prevention and care in the face of the disease contributed to the construction of a valued homosexual as one who takes care of himself, prevent and follow the instructions of the groups. Gay groups contributed to this construction of a valued type of homosexual, exercising an educational work in the subjects.

Keywords: HIV / AIDS; gay groups; homosexualities; speeches

* Professor permanente do PPGE/UFJF, professor Associado da Faculdade de Educação da UFJF (FACED/UFJF), coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED/UFJF). Pós doutor em Educação e Cultura Visual pela Universidade de Barcelona/Espanha, Doutro em Educação pela Unicamp. E-mail: aferrari13@globo.com

Introdução

Em 2019, a UNAIDS¹ divulgou mais um relatório² com os dados nacionais a respeito da infecção pelo HIV, assim como informações sobre as pessoas vivendo com o vírus e o acesso à terapia antirretroviral. Desde 2018, o Ministério da Saúde vem distribuindo e organizando o acesso à Profilaxia Pré-exposição (PeEP) como um serviço de prevenção ao HIV. De acordo com o Ministério, em 2019, tínhamos 9.211 usuários dessa prevenção³. Esses dois exemplos de produção de conhecimento e de ação nos convidam a pensar em uma certa continuidade dos impactos do HIV/Aids, desde a década de 1980, como um marco de ruptura na história das homossexualidades e que permanece preocupando e construindo discursos, saberes, modos de ser e aproximações com as homossexualidades.

Não quero, com isso, afirmar que os impactos atingiram somente os homossexuais masculinos. Muito pelo contrário, o advento do HIV/Aids colocou a sexualidade em discussão, reforçou a relação saber-poder-subjetivação, implicou a todos nas suas formas de lidar com o desejo, atração, sexualidade, práticas, comportamentos, identidades, enfim, atingiu a todos de alguma maneira, sobretudo em função dos discursos médicos construídos em defesa das políticas de prevenção, que responsabilizavam e convocavam os sujeitos a se vigiarem e a colocarem sob suspeita suas formas de pensar e agir. O número de pessoas vivendo com o HIV no mundo ainda é alto. São 38 milhões de pessoas convivendo com o vírus, sendo que, desse total, 81% conhecem o seu estado sorológico positivo. Números que mantêm candente o desafio que ainda temos pela frente no que diz respeito à discussão sobre desejos, práticas sexuais, políticas públicas, subjetividades, relações de gênero e sexualidade, educação sexual, enfim, um conjunto de ações que não se limita à responsabilidade de órgãos federais, mas que envolve, também, aos grupos LGBTTQIA+⁴, que nunca fugiram

¹ A UNAIDS é o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, criado em 1996, tendo com objetivo criar soluções e ajudar os países no enfrentamento ao HIV/Aids.

² Para maiores informações, acessar <https://unaids.org.br/estatisticas/> Acesso em: 24 mar. 2021.

³ Disponível em <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/dados-atualizados-de-prep-e-pep-estao-disponiveis-para-consulta> Acesso em: 24 mar.2021.

⁴ Embora não haja consenso quanto ao uso da sigla que melhor represente a riqueza e a diversidade da comunidade e das identidades ligadas à diversidade sexual e de

dessas demandas sociais. Números que dizem de uma história de enfrentamento que marcou e, ainda marca, a existência dos grupos LGBTQIA+. É essa história que quero recuperar a partir da retomada de uma pesquisa no campo da Educação, realizada entre 2002-2005, com três grupos gays organizados e seus enfrentamentos ao vírus para pensar os impactos dos discursos do HIV/Aids nas homossexualidades masculinas.

As análises que trago têm ancoragem na produção discursiva desses três grupos sobre o HIV/Aids, no trabalho com a prevenção, na proteção dos seus membros e na elaboração de um homossexual valorizado, entendendo que esse trabalho diz de um processo educativo de construção do sujeito homossexual. Com o advento do HIV/Aids, a Medicina e outras instituições construíram e fizeram circular discursos que classificavam condutas, práticas e sujeitos. Trabalhar com o discurso na perspectiva de Michel Foucault (2005) é dar lugar às condições de emergência desse conjunto de regras anônimas e históricas que marcam os discursos, sempre situadas no tempo e no espaço, as quais foram capazes de definir, para uma certa época e contexto social, as condições de exercício da função enunciativa. Assim, os discursos de valorização ligados aos cuidados com a prevenção também construíram aqueles que desvalorizavam os sujeitos, esbarrando nos julgamentos e acusações sobre a promiscuidade, pegação em áreas públicas, exposição ao vírus em nome do desejo incontrolável, enfim, cada vez mais era o sujeito capaz de se controlar e de se vigiar, o que era o desejável. Essa relação discursiva que constitui os sujeitos afetou a toda sociedade e, especialmente, os homossexuais masculinos que foram considerados, inicialmente, como “culpados” pela origem e difusão da “peste rosa”, como foi classificada a doença, no seu primeiro momento.

Isso afetou a constituição dos sujeitos homossexuais no Brasil da década de 1980, um período de redemocratização que colocava a possibilidade de exercermos nossas identidades de forma mais livre e festiva, demonstrando nossa vontade de comemorar as homossexualidades depois de um longo período de ditadura civil-militar que atuou fortemente na repressão, vigilância, violência e controle das homossexualidades (MAcRAE, 1990). A associação das homossexualidades à Aids recuperou e renovou os vínculos

gênero, vou optar por aquela que me parece mais abrangente. Por isso a utilização, ao longo do artigo, da sigla LGBTQIA+ para dizer de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais.

dessa identidade sexual com as doenças, além de renovar as formas de preconceito e discriminação. Ligar as homossexualidades ao discurso médico e a um sentido de doença era, em certa medida, manter classificações do século XIX, quando a homossexualidade foi inventada pelo discurso médico como doença, como argumenta Michel Foucault (1988). Trata-se de ideias que vinham sendo atacadas e desconstruídas, numa perspectiva de construir imagens mais positivas das homossexualidades. O advento do HIV/Aids passou a exigir nova carga de força no combate a essas vinculações, mas também no confronto com a morte, com o preconceito, com a discriminação que se renovaram como efeitos colaterais da doença.

Foi nesse contexto e com esse campo problemático de investigação que surgiu a proposta da pesquisa em trabalhar com três grupos gays organizados, legalmente constituídos e situados em estados diferentes da Federação, com realidades, objetivos e histórias que se aproximam em alguns pontos e que se distanciam em outros: o MGM (Movimento Gay de Minas), de Juiz de Fora/MG, criado em 2000; o CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor), da cidade de São Paulo, fundado em 1995, e o GGB (Grupo Gay da Bahia), de Salvador/BA, o mais antigo deles, em funcionamento desde 1980. Dos três grupos, o GGB, em especial, me interessava mais em função de ser o único grupo gay no Brasil que existia antes do advento do HIV e que se mantinha atuante, de maneira que me permitiria perceber os impactos do HIV na constituição dos sujeitos homossexuais.

A metodologia consistia em participar das reuniões semanais de homossexuais masculinos em cada um desses grupos. Foi assistindo e participando dessas reuniões que foi possível construir os dados⁵ para as questões norteadoras da pesquisa: que discursos estavam sendo produzidos nesses grupos, que serviam para construir a homossexualidade, o homossexual e a noção de grupo?

⁵ A fase de coleta de dados da pesquisa foi realizada nos anos de 2003 e 2004, através de visitas, uma vez por mês, escolhendo-se os dias reservados para a reunião dos homossexuais masculinos. Essas reuniões eram gravadas em fitas VHS, com a autorização dos participantes. Devido à obrigatoriedade de permanência nas cidades, que eram distantes, foi possível a observação do funcionamento dos grupos em suas sedes. Assim, a coleta de dados não se limitou às reuniões, mas foi enriquecida por observações de outros eventos e do trabalho cotidiano, pela participação em conversas informais e momentos festivos e pela consulta aos materiais impressos produzidos, aos estatutos e às páginas que os grupos mantinham na Internet. Além disso, foram realizadas entrevistas com os coordenadores dos projetos, que estavam em vigor.

O trabalho não se referia ao movimento homossexual como um todo, posto que, já naquela época, o movimento se caracterizava como mais diversificado e rico do que se percebia naqueles três grupos. Tampouco a escolha pelos referidos grupos significou o empobrecimento das análises, visto que eram grupos extremamente atuantes, importantes e representativos do que era o movimento gay nos seus estados, exercendo, cada um deles, o papel de orientador e vanguarda, servindo de exemplos para outros grupos no Brasil.

Os grupos gays foram escolhidos como o *locus* privilegiado para a pesquisa, visto que representavam e, ainda representam, um dos locais de possibilidade de construção e de disputa em torno dos discursos das homossexualidades. Assim, eles se tornaram os responsáveis por dizer as “verdades” do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual em tempos de HIV/Aids. Um tipo de poder ligado à experiência e ao saber, que era assumido pelos próprios grupos. A dedicação à construção de saberes e discursos sobre o HIV/Aids e seus impactos nos sujeitos se constitui como um dos pontos de produção dos grupos. Para o MGM e o CORSA, essa era uma questão reconhecida como uma das causas de sua criação, diferente do que ocorreu no GGB, que é um grupo que já existia antes do surgimento do vírus e da doença e que já desenvolvia um trabalho de construção das homossexualidades e que foram afetados pelos discursos da “peste rosa”. Portanto, é essa história do surgimento da “peste rosa” e seus impactos nas produções dos grupos que será o foco das problematizações neste artigo, considerando que se trata de uma história importante para pensar as rupturas e as continuidades que marcam a construção das homossexualidades na atualidade e suas ligações com comportamentos e pensamentos valorizados e recomendados: como esses grupos assumiam a função pedagógica de conceber os homossexuais, transformando-se em locais de disciplinamento, principalmente após o HIV/Aids?

O que faz de um grupo, um grupo?

O propósito de investigar os impactos da epidemia do HIV/Aids nas produções dos três grupos gays se justifica em função das alterações que essa doença e o desafio de seu enfrentamento ocasionaram na história do movimento gay, como era chamado o movimento naquele momento. Podemos dizer que o surgimento do vírus, com seu vínculo à homossexualidade masculina, gerou uma postura de abandono por parte dos governos, desinteressados em

atender a uma população marginalizada por sua identidade sexual. Ao mesmo tempo, esse abandono acabou contribuindo para uma organização entre as pessoas que se sentiam ameaçadas diretamente por aquilo que ficou conhecido como “câncer gay” ou “peste rosa”. Então, se já havia uma organização inicial dos grupos gays antes do advento do HIV/Aids no Brasil, resultado de um momento de redemocratização e abertura política, no que poderíamos classificar como uma primeira onda do movimento gay (MAcRAE, 1990; GREEN, 2000), pudemos vivenciar uma segunda onda de criação dos grupos, chamados a responder as demandas dos homossexuais em relação à necessidade de enfrentamento à doença. Isso pode ser percebido tanto na direção de construção de laços de assistência médica e de acolhimento aos infectados pelo vírus, como também na criação de grupos que se dedicaram a buscar mais conhecimentos e elaboração de condutas diante do desconhecido. Somente a partir do momento em que a doença deixou de ser entendida como exclusividade de homossexuais masculinos e atingiu adolescentes e heterossexuais que os governos iniciaram um movimento em direção ao combate da epidemia.

Nesse momento, os grupos gays já tinham crescido em número e em importância, tornando-se aliados dos governos para intensificar a luta em torno da produção de conhecimento e de prevenção ao HIV/Aids. Isso se concretizou em diversos editais que financiaram ações dos grupos gays voltadas ao combate da epidemia, gerando o que poderíamos chamar de uma terceira onda de crescimento dos grupos gays no Brasil. O que quero dizer com isso é que investigar a história do HIV/Aids e seus impactos nos grupos gays significa investigar, em última instância, o investimento nos sujeitos, no entendimento do que é ser homossexual ao longo da história. Assim como defende Foucault (1988), falar da história da homossexualidade é falar da história dos discursos. Nesse sentido, o grupo fortaleceu o seu lugar na relação de força que é construir conhecimento sobre essa população e suas práticas, seus comportamentos e suas definições.

Do grupo emergiam crenças que possibilitavam a identificação e a elaboração em comum. Seus discursos implicavam pontos de referências e histórias, que serviam para fornecer o sentido de autoridade. Segundo Certeau (1995), para que haja a construção dos grupos e dessa autoridade, há necessidade de reconhecimento e de acordos tácitos entre os membros para que seja aberto um espaço em que possam se desenvolver. Na

pesquisa foi possível perceber o que se mostrou como mais forte nos grupos: o seu aspecto paradoxal na construção e no convívio entre o controle e a resistência, o encontro das diversidades e a imposição de uma identidade homossexual, o espaço permitido para a fala e a aquisição de um discurso em comum, o local para a expressão da homossexualidade e a construção do modelo ideal, enfim, o que poderia ser resumido entre o que há de mais positivo e o que há de problemático nessas organizações. Por um lado, estavam abrindo caminhos e, por outro, ajudando a fazer desses caminhos lugares comuns.

O nascimento dos grupos, a definição da luta, a preocupação com a tomada de consciência dos membros e o poder de se expressar surgem a partir da aceitação de autoridade, que quase sempre está embasada na experiência. E, com o grupo gay, não era diferente. A experiência de ser homossexual, a vivência e a aceitação dessas práticas e a visibilidade conferiam aos dirigentes a autoridade necessária para poder “falar em nome de”, para criarem um grupo, para colocarem em funcionamento o sistema de troca que organizava o seu funcionamento, que abria espaço para as experiências, para as falas e para a ação. E a autoridade se fortalecia pelos discursos e pelas pessoas, que iam construindo significados em comum.

Pode-se afirmar, ainda, que toda autoridade era construída pela adesão, por um tipo de “crença”. Era um acordo que fornecia legitimidade ao poder dos grupos, uma convicção, que pressupõe controle dos significados, das ações, dos desejos, dos comportamentos, enfim, dos sujeitos. E esse acordo adquiria mais força na medida em que estava baseado na “crença” de que o grupo não tinha dono e que era constituído pela troca, pela liberdade, pela garantia de que todos podiam falar, podiam partilhar suas experiências. Nesse sentido, foi possível entender o trabalho dos grupos gays como um diálogo com a sociedade, como seu produto e também seu produtor. Uma das finalidades que servia para organizar esses grupos era a possibilidade de reconstituir, pelo discurso, pela construção dos significados em comum, uma crítica e desconstrução dos estereótipos, ao mesmo tempo em que se buscavam construir novos significados do que era ser homossexual em tempos de HIV/Aids.

A necessidade de enfrentamento à doença se associava à ideia de futuro que era, continuamente, trazida para as discussões dos grupos, sobretudo por meio de mecanismos de conscientização, fazendo com que esses locais se tornassem um tipo de organização

reflexiva de produção de conhecimento, como ambientes de conhecimento. Essa noção de estarem construindo um futuro melhor se constituía como uma das atitudes de confiança, desenvolvida em seu interior, servindo para que se mantivessem uma ligação dos seus membros e a continuidade do trabalho. Podemos dizer que, comumente, lidamos com uma infinidade de possibilidades de respostas e de reações às questões e situações postas no cotidiano. No entanto, parece que é a construção de um referencial compartilhado da realidade que torna algumas respostas e reações como mais apropriadas e “aceitáveis”. O trabalho dos grupos gays se organizava neste caminho: o sentimento de estarem compartilhando uma realidade que é, ao mesmo tempo, forte e frágil. Isso porque eles lidavam com respostas construídas por meios emocionais e não apenas cognitivos. O que alimentava o grupo, a troca de experiência, a construção compartilhada de realidade e, sobretudo, o comprometimento dos membros com a sua existência e sua manutenção eram a confiança, a esperança e a coragem.

Os três grupos gays surgiram de um certo conflito social: a homossexualidade e suas representações. Assim, suas ações, discursos, definições e trabalhos buscavam atacar essa ideia das homossexualidades como “problema”, o que fornecia um caráter revolucionário à sua organização e ao seu trabalho, visto que estariam rompendo com o passado e preparando o futuro (FERRARI, 2004). O trabalho dos três grupos se organizava em torno da associação entre um conflito social e um projeto. O conflito social se traduzia na luta pela desconstrução das imagens e discursos negativos que atingiam as homossexualidades, que antecederiam a existência do HIV/Aids e que foram fortalecidos por ele. No entanto, esse conflito estava associado a um projeto de futuro, a uma aposta na construção de uma sociedade melhor que passava, exatamente, pela desconstrução dessas imagens e discursos negativos e pela construção de imagens e discursos positivos das homossexualidades, buscando, assim, a realização de valores culturais e a identificação, luta e vitória sobre os inimigos sociais.

Como destaca Touraine (1994), uma luta reivindicatória nem sempre se constitui como movimento social, podendo ser apenas uma pressão política e uma defesa corporativa. O que faz com que uma luta se torne um movimento social é a necessidade de defesa da construção de novos valores para a sociedade, sendo capaz de se tornar o defensor desses valores, assim como de identificar e

lutar contra os adversários. Todos os movimentos sociais guardam uma divisão em seu interior, o que se justifica pelo fato de que nenhum deles pode falar e servir a todos conjuntamente e da mesma forma, já que se trata de subjetividades.

Essa dedicação dos grupos gays na construção do sujeito homossexual pode ser identificada pelo seu trabalho, centrado na reflexão do indivíduo sobre sua própria identidade. Para Touraine (1994), o sujeito é o resultado dessa reflexão do indivíduo sobre sua identidade. O sujeito é um movimento social, segundo o autor, visto que ele se constitui na consciência de Si-mesmo a partir da crítica à sociedade. Ele é o gesto de resistência, capaz de se distanciar dos seus papéis sociais e de contestar (TOURAINÉ, 1994). Embora essa noção de construção de sujeito esteja presente nas intenções dos grupos, isso não significa que haja a garantia de sua concretização. Nesse caminho, a obra de Foucault se torna inspiração para analisar como esses espaços vêm se tornando eficientes para articular os poderes e os saberes que estão circulando na sociedade com os que são produzidos e ensinados pelos grupos.

Os saberes construídos pelos grupos se manifestam através dos discursos tidos como verdadeiros, aceitos e positivos. Foucault (1999) foi um dos autores a defender a necessidade de se questionar e descobrir como nos tornamos, desde a Modernidade, aquilo que somos, como nos transformamos em sujeitos de conhecimento e como assujeitados ao conhecimento, o que serve para entender e situar o trabalho dos grupos gays. O sujeito foi se tornando o novo objeto de discurso, como aquele que produz e é produzido pela linguagem, pelo conhecimento e pelas verdades. Para Foucault (1999), o sujeito não é produtor dos saberes, mas seu produto, ele é construído no interior dos saberes. Dessa forma, mais do que simplesmente uma análise da constituição dos grupos gays e sua relação com a construção dos sujeitos homossexuais, intenciona-se questionar a respeito desse sistema de formação mais amplo que organiza nossos discursos e nossa sociedade, como se estabelece toda uma rede discursiva sobre a homossexualidade e sobre o grupo, com o sentido de capturá-los e de definir determinados tipos de saberes, que constroem um certo tipo de homossexual e também ensinam como lidar com ele.

A crítica presente aqui não visa acusar, tampouco lastimar o trabalho dos grupos, visto que isso seria assumir a existência de verdades, de um caminho e de um mundo melhor em relação ao que está posto e que a análise poderia dar conta. Nesse sentido,

espera-se contribuir para reativar a crítica que é sempre permanente. O trabalho pode ser entendido como um conjunto de construção dos discursos dos três grupos investigados a respeito da homossexualidade masculina.

A Aids e o reforço do autocontrole

Grande parte das informações contidas no material produzido pelos grupos se destinava aos cuidados com a prevenção ao HIV/Aids, que era, no início da década de 2000, a grande causa de mortes para a comunidade gay. Com o advento da doença, grupos que historicamente se sentiam vítimas preferenciais de preconceito e discriminação e que já se organizavam para combatê-la, viram-se diante de um reforço através da culpabilidade pela epidemia. Novas representações da homossexualidade tomaram forma, sobretudo, aquelas ligadas às imagens da doença e do doente e foram responsáveis por gerar uma onda de medo, violência e desespero. Juntavam-se a isso o despreparo e mesmo o descaso governamental com a epidemia, o que causou um certo atraso no lançamento de campanhas educativas e informativas capazes de frear a expansão. Autores como Altman (1995) e Góis (2003) argumentam que o aumento do número de grupos gays organizados no Brasil e o surgimento de novos grupos organizados em torno da Aids - as ONGs/Aids - se justifica por este contexto: “crescimento da epidemia, falta de ação governamental e expansão de discursos preconceituosos pela mídia” (GÓIS, 2003, p. 28).

Diante desse quadro, os grupos gays se sentiram obrigados a se organizar e a ocupar um espaço aberto. Assim, aumentaram seu trabalho de produção de discursos, não mais voltado somente para a definição da homossexualidade, mas agora também preocupados em formular conhecimento sobre a epidemia e quase sempre buscando entender a relação que se estabelecia entre a doença e a homossexualidade. Não se limitaram à produção de discursos, mas, sim, buscaram construir um conjunto de ações de enfrentamento à epidemia, assumindo o papel de educadores, visto que procuravam “ensinar” o que era a doença, como era transmitida, formas de prevenção, o que fazer diante de um resultado positivo, enfim, definindo, mais uma vez, comportamentos.

Dentre os grupos gays pesquisados, o GGB era o único que já existia antes do advento da Aids no Brasil. Sua fundação data de 1980. No ano seguinte, o grupo iniciou a publicação semestral de

um Boletim - “Boletim do GGB” - que tinha como objetivo trazer para o conhecimento público todo trabalho realizado no ano anterior. Dessa forma, desde 1981, o GGB publicou esse boletim, possibilitando recuperar a história da Aids e dos discursos produzidos em torno da doença. A primeira notícia sobre a epidemia saiu no Boletim 3, de 1982.

Uma doença de homossexuais????????????????

Não queremos abrir guerra contra a revista “Manchete”, afinal ela tem abordado a questão homossexual com um certo respeito nos últimos tempos. Contudo, no número de 31/12/81 apresenta uma reportagem do “Time” americano falando de um tal “Sarcoma de Kaposi”, que seria uma espécie de câncer que antigamente matava as crianças da África Equatorial e que hoje em dia têm aparecido vários nos EUA. Adivinhem quem está morrendo desta espécie de câncer? Segundo o “Time”, os homossexuais. Pelo meio da matéria o autor diz que a promiscuidade dos homossexuais favorece a uma suposta fraqueza imunológica que nos transformaria em alvos fáceis do vírus, fungos e bactérias que não atacam os heterossexuais.

Claro está que isto é uma grande balela, porque não explica o porquê de populações judias e mediterrâneas também sofrerem Sarcoma de Kaposi. Além dos mais, toda a teoria médica que parte da premissa de que somos “promíscuos” não merece confiança, pois está eivada de um certo rancor religioso que os médicos têm contra nós. Pelo menos grande parte dos médicos.

O que o “Time” precisa aprender é que doenças advindas de contatos sexuais ocorrem porque os governos não estão interessados em debelá-las. Se as autoridades de saúde quisessem não existiriam mais doenças venéreas no mundo. É que os governos querem controlar a vida de seus cidadãos e impedi-los de fazer amor. Ficando sem assistência por parte das autoridades de saúde, as pessoas que se entregam a uma vida sexual rica, acabam ficando expostas a doenças. Mas, se o “Time” pensa que deixaremos de fazer amor por causa disso, está enganado. Pagaremos qualquer preço por nossa vida sexual. (GGB 3, 1992, s/p).

Nessa primeira aparição da notícia sobre o que seria “uma doença de homossexuais”, um “câncer”, o conhecimento sobre o HIV/Aids era bem incipiente. Ao mesmo tempo que a matéria buscava informar sobre o surgimento de uma doença, ela também questionava sua prevalência às homossexualidades masculinas. Dessa forma, mais do que informar, a matéria era também uma resposta às revistas Manchete e Time, constituindo-se como uma definição do que seria o comportamento homossexual preconizado.

A utilização do ponto de interrogação no título já levava para essa condução de questionar essa “preferência” da doença pelos homossexuais masculinos. Um questionamento que dizia do contexto histórico que o Brasil atravessava para as vivências das homossexualidades, ou seja, estávamos atravessando um momento em que havia uma certa ansiedade e expectativa de viver as homossexualidades como nunca antes tínhamos vivenciado. A expressão da liberdade sexual era comemorada e as possibilidades de vivência das homossexualidades em espaços públicos demonstravam que se tratava de um outro tempo histórico. O surgimento de uma doença ameaçava esse contexto, que fora conquistado com luta. Assim, a doença é classificada com uma “grande balela” e uma forma de controlar as “pessoas que se entregam a uma vida sexual rica”, como afirma o texto do Boletim. Em defesa da continuidade das vivências homossexuais sem controle, o Boletim elege um efeito da doença: “É que os governos querem controlar a vida de seus cidadãos e impedi-los de fazer amor”. Em certa medida, a matéria se concentra numa descrença do que trazia a revista Time, quase que afirmando que a doença era uma invenção para frear as práticas homossexuais. E encerrava com um aviso: “se o “Time” pensa que deixaremos de fazer amor por causa disso, está enganado. Pagaremos qualquer preço por nossa vida sexual”. A política do grupo, portanto, nesse momento, era valorizar o homossexual que tinha uma vida sexual rica e que estava disposto a pagar qualquer preço para garantir essa conquista. O investimento era na liberdade ou naquilo que a reportagem classificava como “descontrole” do sujeito.

Já na segunda publicação do mesmo ano – 1982 – o discurso começava a mudar e o Boletim 4 do GGB trazia novas notícias da doença, com maiores informações, principalmente no tocante aos sintomas e aos comportamentos que começavam a ser considerados como perigosos, “caracterizando” aqueles que eram mais vulneráveis à epidemia. É nesse Boletim que surge o termo “peste rosa” para nomear uma doença nova que se aproximava à “peste”. Um termo que ligava a doença somente aos homossexuais, de maneira que ele contribuiu para a disseminação do HIV, uma vez que os heterossexuais não se sentiam afetados pela epidemia e se julgavam imunes a ela.

A peste rosa mata os gays

Até a Manchete já deu a notícia com sensacionalismo: nos Estados Unidos e Canadá surgiu uma doença que está atacando os

homossexuais, tendo já morrido por volta de 40 gays masculinos. Seu nome: SARCOMA DE KAPOSI. Trata-se do seguinte: é um tipo de tumor maligno (câncer) que pode afetar diretamente tecidos do corpo. Até agora tratava-se de uma doença muito rara, atingindo 1 entre 2 milhões de homens, geralmente velhos entre 60 e 70 anos. Atacava também algumas tribos africanas em proporções maiores, atingindo jovens com menos de 20 anos. De repente, a doença começou a aparecer entre os gays norte-americanos. Examinando tais pacientes, constatou-se algumas regularidades na vida desses rapazes: eram jovens que mantinham vida sexual muito variada, trocando quase diariamente de parceiros e com uma história de infecções venéreas bastante freqüentes; abusavam de antibióticos, ficando com o tempo imunizados contra os remédios; abusavam de drogas, sobretudo dos “poppers”, uma espécie de cheirinho da loló ultra forte que as bichas adoram cheirar na hora em que estão fodendo. E quais são os sintomas do tal Sarcoma de Kaposi? Aí vai a lista - lembramos, porém, que alguns desses sintomas também são notados em outras enfermidades, como as chamadas “infecções oportunistas”, de modo que não vai ser por qualquer dor de cabeça que você vai pensar que pegou o Sarcoma de Kaposi (sem falar que felizmente, esta “praga” não chegou ao Brasil, tendo sido registrado até agora apenas dois casos na França, fora da América do Norte...). *Eis os sintomas:* febre, dor de cabeça, cansaço extremo e crônico; perda de peso repentino; tosse crônica; dor no peito; ínguas; dificuldade de engolir, distúrbios estomacais crônicos e náusea; diarréia crônica e alterações nos hábitos intestinais; ferida ou corte que não cicatriza; aparecimento de manchas e verrugas vermelhas; sangramento repentino. O quadro clínico é mais ou menos este: primeiro aparecem umas manchas vermelhas de uns 2 cms, no pescoço, braços e dentro da boca. Passados uns tempos, as glândulas linfáticas (ínguas) ficam inchadas, a bicha perde peso, perde o apetite e fica com caganeira crônica. Se você apresentar esse quadro infeccioso, escreva-nos imediatamente pois temos o endereço nos Estados Unidos de especialistas que estão interessados em acompanhar esses casos. Esperamos, outrossim, que a tal “peste rosa” não chegue em nossa terrinha, e que esse mal seja logo debelado nas terras da Tia⁶ Sam. (GGB 4, 1982, s/p).

A matéria, bem didática, definia, inicialmente, o que era a doença, para, em seguida, passar para enquadrar o público alvo, os comportamentos de risco, assim como os sintomas, terminando nas prescrições para aqueles que se identificassem com os sintomas. Era o discurso médico construindo a doença e o doente. Somente

⁶ No documento, o termo aparece no feminino: *Tia* ao invés do *Tio*, como comumente é usado, o que reforça o uso dos termos no feminino para o tratamento interpessoal.

no final, a doença era adjetivada como uma “peste”. Georges Duby (1998) chama atenção que, no período histórico da Peste Negra, havia uma busca das causas que justificassem aquela terrível epidemia. Em se tratando da Idade Média, um período teocrático, era muito recorrente justificar a peste como uma punição divina contra os pecados, direcionando essa culpa ao grupo dos judeus, considerados pagãos pela população cristã. A aproximação do HIV/Aids à ideia de peste, nomeando como “peste rosa”, parecia recuperar, com esse sentido, a relação entre moral e doença. No meio da matéria, quando se buscava caracterizar o público que estaria vulnerável à doença, o próprio grupo gay voltava a associar a doença a um tipo de comportamento ligado a drogas, à promiscuidade e a uma vida sexual variável, quase que julgando moralmente esse comportamento. Se, no Boletim 3 do mesmo ano, a “vida sexual rica” era recomendada e comemorada, ela agora representava um risco, sendo a culpada pela doença: “eram jovens que mantinham vida sexual muito variada, trocando quase diariamente de parceiros e com uma história de infecções venéreas bastante freqüentes; abusavam de antibióticos, ficando com o tempo imunizados contra os remédios; abusavam de drogas, sobretudo dos ‘poppers’, uma espécie de cheirinho da loló ultra forte que as bichas adoram cheirar na hora em que estão fodendo”.

No mesmo ano, duas matérias com tons bem distintos. Se, na primeira, a postura era de enfrentamento à doença como uma forma de defender uma vida livre de controle e rica sexualmente, na segunda reportagem, a postura era de precaução, de um aviso de alerta e da necessidade de tomar cuidado. O comportamento sexual figurava com uma das causas para a doença, quase como um aviso de que esse tipo de comportamento não era mais tão festejado como na primeira matéria. Independente dessas posturas distintas, o que se mantinha era a postura do GGB em dirigir o grupo, em informar e educar o sujeito homossexual, lidando com a ideia de identidade homogênea, como se todos os gays agissem ou tivessem que agir da mesma forma. Nesse segundo Boletim de 1982, o homossexual valorizado não era mais aquele que assumia o enfrentamento, como na primeira matéria, tampouco a disposição de “pagar qualquer preço” para manter uma estética da existência gay baseada na liberdade e na falta de controle. Pelo contrário, o grupo assumia seu papel de “ajudar” e “conduzir” a comunidade gay para o conhecimento: “Se você apresentar esse quadro infeccioso, escreva-nos imediatamente pois temos o endereço nos Estados Unidos de especialistas que estão interessados em acompanhar

esses casos”. A Aids só voltou a ser notícia no primeiro número do Boletim 9 de 1985. Dessa vez, o boletim trazia mais informações, como, por exemplo, o que era a doença, quais os sintomas e as formas de prevenção.

A. I. D. S.

- *O que é Aids?*

AIDS é a sigla em inglês da “Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida” - é uma doença surgida na África e espalhada sobretudo nos Estados Unidos, que provoca a redução do funcionamento do sistema imunológico do organismo, tornando-o muito susceptível ao ataque de vírus, fungos e bactérias. 70% dos casos de AIDS são homossexuais, por isso a doença foi também apelidada de “peste gay”, termo que devemos evitar pois não se trata de uma “peste” nem é doença exclusivamente gay. Há mulheres, crianças e drogados que também se contaminaram com AIDS.

- *Quais os sintomas da AIDS?*

Os principais sintomas são:

1. febre contínua (38 graus);
2. ínguas (gânglios linfáticos) com ou sem dor no pescoço, axilas, virilhas;
3. perda de peso (em poucas semanas emagrece-se 10% do peso)
4. cansaço profundo não ligado ao excesso de trabalho;
5. manchas na pele (ou protuberância, elevadas ou chatas, de cor rosa ou vermelha) geralmente sem dor e mais freqüentemente dentro da boca, nariz, olhos e reto.
6. suor noturno (devido à febre)
7. tosse persistente, geralmente seco;
8. diarreia persistente.

ATENÇÃO: o fato de uma pessoa apresentar um ou outro destes sintomas não significa necessariamente que tenha contraído AIDS. Antes de pensar em AIDS, é bom lembrar que todos esses sintomas e sinais aparecem em doenças extremamente freqüentes entre nós.

- *AIDS é contagiosa?*

A transmissão da AIDS se dá por via sexual, por transfusão de sangue – ainda não é certo, mas também pela saliva. Os pacientes e médicos que cuidaram de vítimas de AIDS não pegaram a doença.

- *Como evitar a AIDS?*

1. Não entrar em pânico, pois alto astral afasta a doença: “mens sana e in corpore sano”. As chances de pegar AIDS são de 1 para 1 milhão.
2. Evitar transar – sobretudo penetração anais, orais, seja agente ou paciente – com pessoas que transem demais, que variem muito

de parceiros. Saunas e lugares muito promíscuos são excelentes espaços para se pegar AIDS. Infelizmente - verdade seja dita - até que se descubra a vacina contra a doença, é melhor diminuir os números de parceiros. Em São Paulo é diagnosticado um caso de AIDS por dia!!! (GGB 9, 1985, s/p).

O termo “peste rosa” desapareceu. No entanto, o seu sentido já tinha sido incorporado e se mantinha presente. Na parte em que ensinava como “evitar a Aids”, o grupo tomava uma postura, radicalmente oposta daquela assumida 3 anos antes: “Evitar transar – sobretudo penetração anais, orais, seja agente ou paciente – com pessoas que transem demais, que variem muito de parceiros”. O surgimento de um novo perigo aumentou o papel dos grupos, contribuindo para que assumissem, cada vez mais, o “direito” e o “dever” de ensinar e de conduzir para um caminho construído como o ideal, o que possibilitou a criação de novas associações com o governo através do Ministério da Saúde, com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, com os Programas de Combate à Aids. O resultado foi o fortalecimento da noção de que os grupos representavam todos os homossexuais, como se eles falassem em nome de todos e a todos, o que significou contribuições para um alento governamental, que, através desses convênios, afirmavam que estavam fazendo alguma coisa, avalizando os grupos a falar em nome de todos. Movidos por essa ilusão, buscavam aumentar seu campo de acesso por meio de várias formas, como, por exemplo, oficinas, palestras e a produção de material e leitura para serem distribuídos.

A prevenção se constitui como uma grande preocupação dos grupos e uma grande oportunidade de se produzir discursos, passando para os homossexuais a função de “pastor” dos militantes, bem como a tarefa de educar. Desde o século XVII, como nos lembra Foucault (1988), o imperativo da confissão nos possibilita traçar uma linha entre o poder pastoral e a proliferação discursiva em torno do corpo, desejo e sujeitos, num movimento de “não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso” (FOUCAULT, 1988, p. 24). A matéria com a prescrição de conduta diante da doença trabalhava com essa lógica de levar os sujeitos a confessarem, pelo menos para si, os seus atos. Além disso, estava servindo também para culpabilizar a sociedade. O tratamento preconceituoso foi acionado para justificar as condutas dos homossexuais condenadas pelos grupos e “causadoras” da sua vulnerabilidade. Agindo assim,

o material produzido era voltado não somente para os homossexuais, que acabavam incorporando esse discurso e entendendo o grupo como o espaço e o agente capaz de romper com essas condutas e dar forças para lutar contra essa sociedade preconceituosa, mas também era direcionado ao público em geral na intenção de sensibilizar diante de tal situação e, assim, “mudar” de comportamento frente às homossexualidades.

A partir dessa produção, foram eleitos novos culpados: os próprios homossexuais, aqueles que não buscavam as informações nos grupos, já que esses estavam produzindo um vasto material distribuído em vários locais e oportunidades, os que não se assumiam, como recomendavam os grupos, mantendo-se “no armário” e mantendo práticas condenadas, aqueles que tinham acesso às informações e não seguiam aquilo que estava sendo definido pelos grupos e que estava escrito e divulgado no material distribuído. Os grupos partiam da certeza de que a construção da homossexualidade seria difícil e causadora de traumas para aqueles que se sentiam homossexuais, levando-os a se preocupar com essa construção, sobretudo, fazendo-os se dedicar a elaborar formas de agir que passavam pela defesa do “cuidado” que cada um deveria ter consigo mesmo. Cuidados estes que acabavam adquirindo um aspecto de “autoajuda”, acompanhados de uma grande preocupação com a construção de uma autoestima positiva. Esses investimentos no conhecimento e nos sujeitos estavam servindo para que o grupo assumisse esse papel de fornecer e oportunizar aos indivíduos um cuidado consigo mesmo, podendo ser entendidos como motivadores do trabalho do grupo, como também estava ajudando a fortalecer essa cultura, vista como resposta do grupo.

Apontar os perigos que ameaçavam os homossexuais e determinar mecanismos de proteção eram modos de contribuição para reforçar algumas ideias que deviam ser aplicadas a si próprios. A preocupação em “ocupar-se consigo mesmo” foi tomando novas formas, ao longo dos séculos, invadindo variadas instituições, efetivando-se através de atitudes recomendadas, maneiras de se comportar, formas de viver, que são constantemente alvos de reflexão, aperfeiçoamento e ensinamentos. Assim, constituem-se como práticas sociais, possibilitando o estabelecimento de relações interindividuais, de trocas de experiências, de comunicações entre os interessados, de identificações e de criação de instituições e grupos (FOUCAULT, 1985). Com aponta Foucault (1985, p. 50), essa cultura está servindo para a criação de um “certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber”.

A preocupação com os comportamentos em tempos de HIV/Aids era organizada, sendo planejadas variadas atividades, às quais os grupos rapidamente se dedicavam, dentre elas, a produção de um vasto material sempre à mão, capaz de atender à necessidade crescente dos indivíduos. Tal material envolvia os cuidados com o corpo, com a saúde, com os desejos, as práticas, os comportamentos e com as trocas.

Você se ama? A auto-estima faz a diferença⁷.

Não se trata só de ser feliz. Para muita gente, a auto-estima é uma questão de sobrevivência, diante de um mercado de trabalho ou mesmo numa relação familiar e até afetiva com seu parceiro (a). Para quem gosta de si mesmo, a satisfação e o sucesso são coisas tão naturais quanto a saúde. O indivíduo está seguro de que tem valor e de que merece ter um lugar ao sol. O indivíduo emocionalmente saudável é “um bom pai e uma boa mãe para si mesmo”.

Para fortalecer a auto-estima é preciso sentir a si mesmo. É perguntar se estamos satisfeitos conosco e o que podemos fazer para melhorar, gostar mais e valorizar a si mesmo. É colocar a auto-aceitação no lugar da auto-rejeição. É uma profunda e verdadeira compreensão de si mesmo, capaz de perdoar as pequenas e inevitáveis falhas que todos temos.

Qualquer situação de vida é sempre reflexo das visões mais íntimas. Portanto, é preciso aprender a utilizar sua própria força interior para se livrar da dor existencial, sem cair no narcisismo que é o culto exagerado de si mesmo que pode levar ao desprezo do outro.

O sentimento é a porta que permite a transformação dos hábitos negativos, onde aprendemos com as expectativas passadas e projetamos nossos anseios futuros. Devemos estar atento ao modo como nos enxergamos? Quais são nossos sentimentos? Qual é a imagem que cultivamos de nós mesmos? Se você desconfia da sua auto-estima não está com a força que gostaria, não desanime! (CORSA, 2002, s/p)

Os princípios, quase sempre, giravam em torno do debate entre satisfazer ou controlar as vontades, os excessos ou os regimes, a liberdade ou a repressão, servindo para construir condutas valorizadas, recomendadas e, sobretudo, verdades que deviam ser apropriadas e memoradas (FOUCAULT, 1985). Tudo isso apontava para o fato de que a preocupação consigo e com a

⁷ Este é um texto do grupo CORSA que faz parte do Projeto “Rompendo”, intitulado “Rompendo o Isolamento – Prevenção e Cidadania na Zona Sul de São Paulo”, s/n., 2002. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/folder/10006002423.pdf>.

prevenção não são exercícios individuais e isolados, mas se organizam pela troca, constituindo-se, segundo Foucault (1985), como uma verdadeira prática social.

Ter essas informações, através do material distribuído pelos grupos, era ter os grupos em casa, na bolsa, sempre ao alcance das mãos. A necessidade de informação e vigilância era responsável por desenvolver discursos, tanto através das palestras e falas, nas reuniões dos grupos ou nos espaços em que eram convidados a participar, quanto pela escrita dos materiais de divulgação e informação que os grupos produziam, que serviam para interligar o trabalho de si para consigo mesmo e também a comunicação com os outros. Nessas práticas, os papéis de professor, de guia, de conselheiro e de confidente eram misturados e podiam ser desenvolvidos pela mesma pessoa ou grupo (FOUCAULT, 1985).

Os grupos gays criavam ou buscavam criar nos indivíduos essa necessidade de apelo a um outro ao qual o próprio grupo se dispunha a responder. Sem esse apelo, a existência do grupo estava ameaçada. Sentiam-se capazes de dirigir, de aconselhar, fazendo uso do direito que a sociedade e os próprios homossexuais lhes atribuíam e os grupos se arrogavam. No exercício dessas práticas, acreditavam que estavam cumprindo um dever, já que existiam para conduzir os homossexuais no “caminho certo” de sua felicidade, proteção e existência. E, finalmente, buscavam ser reconhecidos pelos próprios homossexuais, esperando a gratidão pelo trabalho cumprido.

O trabalho dos grupos no tratamento com a doença e sua prevenção aparecia como troca e como obrigações recíprocas. Mais do que isso, ele era organizado pela correlação entre a moral e a medicina, através do convite para que se reconhecessem como doentes em potencial ou como ameaçados pela doença. Na medida em que incorporaram o discurso da vulnerabilidade, os homossexuais transformaram-se também em vítimas preferenciais da epidemia, constantemente ameaçados pela doença, buscando, no controle dos comportamentos, a forma de prevenção mais eficiente. É, na prática, a união entre moral e medicina. Daí o surgimento do HIV/Aids e sua relação com as homossexualidades reforçarem as preocupações reafirmadas pelos grupos. Como argumenta Foucault (1985), chamar atenção para essas questões não significa a defesa pela renúncia de si, mas capacitar os indivíduos para se absterem do supérfluo, constituindo sobre si uma soberania que não depende das instituições.

Os temas ligados ao prazer foram desenvolvidos desde os

primeiros séculos da nossa era, o que serve para entender a organização da moral em torno dos prazeres e as transformações ocorridas ao longo do tempo. Isso não foi capaz de barrar os desejos, mas foi capaz de incorporar as preocupações com proibições, exigências e receitas (FOUCAULT, 1985). A moral sexual que se construiu exige, ainda, que o sujeito se preocupe e se enquadre em determinadas maneiras de viver. Os grupos gays acabam contribuindo para o exercício dessa moral, definindo critérios estéticos e éticos de existência. Assim, o conhecimento de si tornava-se mais importante, renovando a exigência do autoconhecimento que passa pela necessidade de se pôr à prova, de se examinar, de se controlar, de produzir verdades sobre si mesmo - o que se é, do que se quer, do que deseja, do que se faz e do que se é capaz de fazer.

Considerações finais

A necessidade de abandonar os conceitos estáveis e seguros, como, por exemplo, a ideia de identidade e de homossexualidade como unificadora, é uma forma de pensar os discursos como algo também instável e diverso, que causa desestabilização e insegurança. Por isso, muito mais produtivo é questionar como as coisas funcionam e acontecem, compartilhando essas questões e dúvidas, ao invés de buscar saídas e respostas estáveis e seguras. Os lugares de onde as pessoas falam, os espaços em que se constroem, trocam, relacionam-se e evitam-se são múltiplos, mostrando seu caráter contingente, histórico e de construção. Nessa perspectiva, a atuação dos grupos gays colocava (e coloca) em evidência a importância de se dedicar uma atenção tanto aos discursos que articulavam, organizavam e construíam os sujeitos homossexuais, o que pensam, o que são e o que fazem quanto os acontecimentos históricos que estruturaram sua organização e existência.

A grande pergunta deste trabalho é a respeito das condições de possibilidade da existência dos grupos, da homossexualidade e dos homossexuais e também das condições de sua própria racionalidade, sem a preocupação de fornecer respostas, mas de socializar as problematizações. Ele não se limita apenas em pensar a forma como as pessoas se constroem ou são construídas, mas, a partir daí, pensar a possibilidade de não ser mais, de não fazer mais ou de não pensar mais como era, como fazia ou como pensava. As

práticas discursivas estão sempre ancoradas em suportes provisórios, mutáveis, visto que elas são amarradas na própria história, que é contingente. Por isso, não existe resposta definitiva e acabada e pensa-se mesmo não ser produtivo e não interessar forçar respostas. A ideia é estimular uma atitude de permanente reflexão.

Mais do que procurar analisar a atividade dos sujeitos homossexuais, este trabalho buscou chamar atenção para a existência objetiva de certas regras e mecanismos a que os sujeitos estão submetidos através dos discursos que constroem as práticas dos grupos, de forma que eles - os discursos e os grupos - não podem ser entendidos fora do sistema de relações materiais que os estruturam e os constituem. As discussões em torno do que é a homossexualidade e o homossexual trazem à tona discursos já pronunciados, construídos em outros tempos e que se mantêm presentes, embora transformados. Dessa forma, os grupos revelam como esses discursos do passado dialogam com o presente, como e por que se transformam e aparecem.

Referências

ALTMAN, Dênnis. *Poder e comunidade: respostas organizacionais e culturais à AIDS*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos I*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *As palavras as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GÓIS, João Bosco Hora. A mudança no discurso educacional das ONGs/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998). *Revista Interface – comunicação, Saúde e educação*. v. 7, n. 13,

p. 27-44, 2003.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MAcRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.